

**Como moram muitos de nossos velhos?
Reflexões sobre um conjunto de visitas
a instituições que abrigam pessoas
idosas**

*How our elderly live? Reflections about the visitations on
the Institutions that attend the elderly*

Sonia A.M.Prata Silva Fuentes
Maria Ligia Pagenotto
Flamínia Manzano Moreira Lodovici
Suzana da A.Rocha Medeiros

RESUMO: Motivado pela pergunta formulada no título acima: como moram muitos de nossos velhos?, e para trazer uma resposta ligada ao real da instituição que os abriga, este artigo procura mostrar alguns fragmentos de depoimentos das pesquisadoras, duas recém-mestras da área do envelhecimento, resultantes de suas reflexões sobre a questão da moradia e das visitas e entrevistas com os residentes idosos de oito instituições de São Paulo. Tendo como pano de fundo, a experiência de ter participado de um laboratório experimental, isto é, de um grupo de pesquisa sobre Envelhecimento e Moradia, do Programa de Pós Graduação em Gerontologia da PUC/SP, intitulado; “Onde vamos morar em 2030?”, as pesquisadoras, sentiram a necessidade de ir a campo visitar algumas Instituições de Longa Permanência, a fim de checar suas percepções e impressões acerca da temática proposta. Como resultado, um conjunto de escritas que mostram as relações entre os velhos e suas velhices, entre velhos e a instituição asilar, entre velhos e funcionários, entre velhos e familiares, desvelando, como não poderia deixar de ser, convergências e divergências nas relações, inclusive muitas faces daqueles sujeitos ali envolvidos, manifestas em suas respostas verbais ou corporais.

Palavras-chave: Idoso; Instituição; Reflexões.

ABSTRACT: *Motivated by the question from the title: **How our elderly live?**, and to show the true nature of the Institutions that serves them, this article aims to show fragments from researchers statements; two elderly studies masters , about their reflections on the habitation and their visits and interviews with people from eight Institutions in São Paulo. Given by the experience in a group of Aging and Habitation researchers from the PUC/SP Gerontology Post Graduation Program, titled "Where are we going to live in 2030?", myself and the researchers felt the necessity to visit some of the "Instituições de Longa Permanência" to check our perceptions and impressions on the theme. The result shows the relations between the elderly and their oldness, between the elderly and the Elderly Institutions, between the elderly and the staff, between the elderly and their families, showing, as expected, convergences and divergences on their relations, and the various faces of those involved, manifested in their verbal voice and bodily manner.*

Keywords: *Elderly; Institution; Reflections.*

Introdução

Um depoimento sobre o que é uma casa para seu habitante, é o que transcrevemos a seguir, em um fragmento que embora extenso, vale a pena ser lido por mostrar reflexões sobre a casa onde se mora:

"Minha casa não é minha e nem é meu este lugar. Estou só e não resisto, muito tenho pra falar...". Os versos são de Travessia, música composta por Milton Nascimento em 1978, sucesso na voz de Elis Regina. Foram estas palavras que vieram à minha cabeça numa noite de março de 2010, em São Paulo, quando minha filha Isadora chorou muito porque havíamos mudado de casa. Tentei confortá-la, explicando que a mudança de bairro seria boa para nossa família, pois eu ficaria mais perto do meu trabalho e, conseqüentemente, mais próxima dela também. O consolo foi em vão. Isadora chorou e chorou, e, em sua cabeça

de menina de oito anos e meio na época, me disse que não se sentia em casa no novo apartamento: 'Meus amigos estão longe, não gosto deste quarto, aqui não é minha casa, quero voltar para aquela outra casa, que é a minha'. Fiquei com o coração partido mas, confesso com vergonha, irritada com o comportamento dela. Tantas vezes ela cobrou minha presença em casa e agora que eu havia conseguido conciliar melhor a vida familiar com a profissional, ela chora de insatisfação? Por alguns minutos também me senti culpada, pensando que aquela era a vida que eu havia escolhido para mim e não necessariamente seria a melhor para ela. Mas como acertar em tudo também?

*Por fim, tentando ela própria acalmar-se, minha filha disse: "Mamãe, quantas vezes você já mudou de casa?" Respondi a ela que várias e que sempre foram mudanças para melhor, que é bom mudar, reciclar... coisas em que de fato acredito. Mas, em sua infinita sabedoria infantil, ela respondeu, ainda em lágrimas: 'Eu tenho oito anos e esta é a primeira vez que eu mudo de casa na minha vida. Pode ser que um dia me acostume, mas agora eu não me sinto em casa aqui. Você precisa ter paciência com isso, quero voltar para a casa antiga'. Foi um diálogo penoso para ambas, mas de muito aprendizado também, acredito. De minha parte, abri mais ainda os olhos para esta questão do morar, do mudar, até então, tranquila na minha cabeça. Mas quem sou eu para dizer a minha filha qual o melhor lugar para ela morar? Qual é a definição de lar, afinal? Fiz uma projeção para o futuro: quando eu ficar velha, será que ela não irá me oferecer um lugar para morar que não seja de fato o meu lugar, mas que ela julgará na ocasião o mais adequado para mim? O episódio me fez lembrar do filme *Albergue Espanhol (L' Auberge Espagnol*, dirigido por Cédric Klapisch, de 2003). A obra conta a história de Xavier, um rapaz que chega à Espanha totalmente despreparado – sem saber falar espanhol e catalão, triste em deixar sua namorada para trás, confuso sobre quem é ou que laços pode criar nessa cidade estrangeira. Procurando um lugar para ficar, acaba encontrando um casal francês recém-casado, um médico e sua solitária esposa, Anne Sophie, que lhe oferecem o sofá. Depois, encontra um lugar definitivo: um apartamento com sete estudantes de nacionalidades tão variadas quanto suas personalidades e sexualidade. Segundo Xavier, a multiplicidade de línguas fazia lembrar o caos de sua cabeça. O filme expressa também toda a dificuldade e estranheza da mudança de casa, de bairro, de*

país... Mudar é sempre um processo delicado, uma adaptação que requer paciência e vivência acima de tudo. De acordo com o autor da história do filme, só conseguimos nos sentir em casa no lugar novo quando, a partir de uma série de incursões no bairro, e experiências, de nos familiarizamos com a paisagem local, os mercadinhos, os postes, as plantas, as pessoas, as bancas de frutas, de flores, o ponto de ônibus, os transeuntes locais. Quando certas coisas nos tornam parte do cenário, é que nos sentimos confortáveis e acolhidos. E a sensação de familiaridade é sempre boa. É o resgate da sensação de controle e limites sobre o novo espaço. Mas enquanto isso não ocorre, a mudança pode ser penosa (...) (Pagenotto, M.L., 2010, outubro).

Uma pergunta brota, a seguir, do depoimento de Pagenotto (2010), e que trazemos neste artigo como pergunta a todos nós: *“Se, para o jovem, a mudança é difícil, que dirá então para alguém que passou boa parte da vida em um mesmo lugar, como um idoso?”*

Segundo Pagenotto, este relato de suas relações com a filha em torno da nova moradia ganhou ainda mais sentido e emoção por ela estar sensibilizada pela questão da moradia, por fazer parte – ao lado de Sônia Fuentes, Divina de Fátima dos Santos e Ana Tomazoni e outros, de um grupo de pesquisa na PUC-SP, o NEPE, que - em um projeto de pesquisa sob a coordenação das professoras doutoras Suzana da A.R.Medeiros e Flaminia M.M.Lodovici – dedica-se justamente a pensar sobre as possibilidades contemporâneas de moradia para idosos. E quando falamos em moradias, tocamos em um tema que é caro a todos – sejam ou não velhos, mas que nos toca, especialmente a nós do grupo.

Uma pesquisa de campo ora em desenvolvimento busca levar os entrevistados a pensar sobre seu envelhecimento, sobre sua velhice futura, a partir de uma pergunta instigante: *“Onde vamos morar em 2030?”*, que, lançada a mais de uma centena de sujeitos, pôde recuperar impressões as mais diversas.

Como mestres e pesquisadoras do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP, deparamo-nos, neste levantamento, com várias questões relativas à Gerontologia que nos intrigam e nos remetem a inúmeras outras reflexões. Dentre estas, existe uma pergunta que deveria fazer parte das preocupações de todas as pessoas: *“Onde vou morar quando eu ficar velho(a)”*? Numa situação de fragilidade e dependência, vale ressaltar.

Quando se pensa sobre isto, muitas outras perguntas, permeadas de indagações e dúvidas, se sucedem: “*Existem moradias para meu perfil de mulher?*”; “*Qual e a moradia ideal para o idoso?*”; “*Quem vai querer morar comigo?*” e “*Com quem e onde eu vou querer morar?*”

São questões que fazemos a nós mesmas, inúmeras vezes. Elas estão presentes nas salas de aula da Gerontologia, nas conversas de bar e nas trocas de confidências com os amigos. Queremos amparo na nossa velhice, queremos companheirismo, segurança, apoio, afeto. Mas queremos também privacidade e autonomia.

A complexidade desta questão da moradia nos mobiliza de forma tal – e nosso interesse pelo tema cresceu particularmente depois que ingressamos no grupo de estudos – que sentimos necessidade não só de refletir sobre a moradia para o idoso, mas de irmos a campo e conhecermos de perto algumas alternativas existentes para esse nosso dia a dia futuro.

Daí, termos ido então visitar o maior número de instituições possíveis na capital de São Paulo, assim como algumas instituições do interior paulista, para nos apropriarmos das sensações de quem ali habita e conhecer de perto essas moradias. Após as visitas, decidimos relatar nossas impressões, com maior conhecimento de causa e com parecer mais fidedigno das nossas percepções pessoais.

Nossa primeira descoberta foi a de que existem diversos tipos de instituições, mas esta diversidade ainda está distante de abarcar a complexidade das velhices, em toda a sua heterogeneidade. As diferenças vistas apontam para aspectos econômicos, sociais, religiosos, infra-estruturais, entre outros. As razões para as pessoas estarem lá são igualmente diversas. Após dezenas de visitas notamos também que o fator econômico nem sempre determina a qualidade de uma instituição. Muitas vezes o aconchego do local pesa mais na sua escolha pelo futuro hóspede.

Lima (2010) pontua, em seu artigo, que não se sabe com exatidão o número de idosos residentes em instituições no Brasil. De acordo com a autora, uma nota presente na obra de Skinner e Vaughan (1985) dá conta que o número de asilos se iguala ao número de municípios. Isso significa um número médio de assistidos entre cerca de 10 e 300 idosos em cada instituição, com um total que corresponde, conforme os autores, em 15% da população brasileira. Mas, como bem frisa Lima, é evidente que essa população tem crescido muito desde 1985, uma vez que a longevidade da população também tem aumentado a cada ano no Brasil.

Segundo Scharfstein (2006), residir em uma instituição pode gerar sentimentos de desamparo, especialmente em se tratando de pessoas que vivem a última fase da vida. Este autor nos diz que, ao aceitar residir numa instituição, o idoso, no caso, sente-se abandonando o lugar idealizado de amparo e aconchego – em última instância, a família. Dizemos idealizado porque a família muitas vezes é também um espaço de conflitos.

Para Camarano (2007), fazer parte, como residente, de uma instituição representa bem mais do que uma simples mudança de ambiente físico. Continua a pesquisadora:

Significa uma ruptura com uma comunidade e a adoção de uma outra. Geralmente essa ruptura se dá nos vínculos afetivos (familiares), e os novos vínculos são com pessoas, em princípio, desconhecidas, sem nenhum laço afetivo. (...). Essa mudança implica a perda dos laços diretos com seu contexto histórico, com suas referências pessoais e principalmente, com suas relações familiares. (Camarano, 2007: 182)

Mas quem escolhe a moradia, na verdade? O idoso ou sua família?

Não há uma única resposta; ou seja, não dá para generalizar. Na verdade, essa escolha depende de inúmeros fatores, como, por exemplo, a situação familiar, a vontade de cada pessoa e cada contexto. Muitas vezes não basta ter dinheiro, é preciso desprendimento, e até coragem, para, com a idade avançada, aventurar-se num novo processo de adaptação – ainda mais se o idoso não tiver opção, a não ser se mudar para um asilo desprovido de aconchego e carinho.

É importante, porém, considerar que o idoso, ao contrário do que prega o senso comum, está, na maioria das vezes, apto a decidir sobre seus interesses, segundo dados da Política Nacional de Saúde do Idoso (PNSI), de acordo com a lei nº 8.842 de 4 de janeiro de 1994, artigo 3º, regulamentada pelo decreto n.º 1.948 de 3 de julho de 1996.

Ele também é, no geral, capaz de se organizar sem ajuda ou apenas contando com uma supervisão. É preciso, portanto, estimular esta autonomia do idoso, e não coibi-la.

No entanto, em situação de internação – independentemente das circunstâncias que o levaram a isso – o idoso, não raro, segundo Lima (...) experimenta uma realidade nova. Por isso, também, uma realidade que se mostra assustadora. Lima ressalta ainda que muitas vezes a instituição que recebe este idoso não oferece serviços que respeitem sua individualidade. A

prioridade no atendimento está no cuidado e atenção às necessidades fisiológicas, com desprezo à especificidade de vida de cada pessoa.

Mercadante (2001) ressalta que o idoso sofre com a condição de internamento porque não se sente pertencente àquele lugar, que para ele pouco significa. Isso, segundo a autora, contraria o sentimento de comunidade, que pressupõe a interação com os outros ao redor. É preciso, portanto, refletir acerca de novos arranjos de moradia para estes idosos.

Vale lembrar ainda que a atual legislação brasileira coloca a família como a principal responsável pelo cuidado do idoso, dado que consta da Constituição Federal de 1988, reforçado pelo Estatuto do Idoso, de 2003. Segundo afirma a autora (2007), essa legislação é resultado dos valores e dos preconceitos dominantes quanto ao cuidado institucional e os reforça. No entanto, como nos diz Camarano (2007: 170),

Vários autores têm argumentado que, muitas vezes, o cuidado de longa duração empreendido pelos próprios familiares não é necessariamente adequado aos idosos. Além disso, há que se reconhecer a existência de pessoas que envelhecem sem familiares próximos.

Ao mesmo tempo, por um traço cultural, segundo a mesma autora, a residência em instituições de longa permanência para idosos não é uma prática comum em países do hemisfério Sul, como o Brasil.

As instituições, não raro, são vistas com resistência e preconceito, um “depósito de idosos”, um lugar de exclusão, dominação e isolamento ou simplesmente “um lugar para morrer” (Novaes, 2003).

Camarano (2007) traz à tona ainda, em sua discussão sobre ILPIs, que a família que decide colocar o idoso numa casa de repouso acaba por se sentir culpada:

Os idosos de hoje nasceram numa época em que o papel da família (em especial o da mulher) como cuidadora dos membros dependentes era claramente estabelecido nos contratos de gênero e intergeracionais, resultando numa expectativa elevada por parte dos idosos de receberem o cuidado familiar. (Camarano, 2007: 170).

Segundo a autora, o preconceito em relação às ILPIs, vigente em nossa cultura, pode advir do fato de a história das institucionalizações da velhice ter começado como uma prática assistencialista:

Somente no início do século XX as instituições tiveram seus espaços ordenados: as crianças em orfanatos, os loucos em hospícios e os velhos em asilos, mas a velhice já se configurava como um problema social. A institucionalização era reflexo da pobreza individual e familiar, e o termo asilo cristalizou-se como sinônimo de instituição para idosos pobres. (Camarano, 2007: 172).

É verdade que existem diversos espaços para receber os idosos, espaços nobres, luxuosos, simples, urbanos, pitorescos, nas montanhas, no campo, no sítio. Vertical, horizontal, com estrutura de casa, chalé, com semelhança de um hospital, de um hotel, de uma colônia de férias... são tantas as opções que é importante ao menos saber que existe essa diversidade – especialmente se for possível escolher onde iremos morar.

O que mais se destaca em nosso estudo é que, embora em muitas situações permanecer na família e com a comunidade seja a melhor opção para o idoso em situação de fragilidade, esse arranjo nem sempre é possível de ser realizado. Isso por conta das novas configurações familiares e, em especial, pelo papel social da mulher na atualidade, com crescente inserção no mercado de trabalho.

É fundamental ainda observar o que nos diz Lopes (2006) a respeito do bem-estar que deve ser proporcionado a qualquer indivíduo. A autora nos lembra que não se deve isolar o indivíduo em sua faixa etária. E, antes de mais nada, é preciso estar atento às necessidades de uma sociedade que envelhece. É preciso preparar a autonomia do idoso, incentivá-la, para que possa ser senhor de seu próprio destino. No entanto, quando, como já dito acima, isso se torna inviável, por questões diversas, a sociedade tem de estar preparada para acolher este ser que envelhece necessitando de atenção especial.

Diante deste quadro real, portanto, reafirmamos aqui o que nos diz Camarano (2007: 188) a esse respeito:

É importante, então, que se ajude a família a cuidar do idoso. Para isso, é importante que se estimule a criação de uma rede de assistência formada por centros de convivência, centros dia, atendimento domiciliar, em suma, de outras formas de atenção que promovam a integração do idoso na família e na sociedade.

Traçaremos, a seguir, um rápido relato das visitas realizadas por nós durante o ano de 2009 e 1º semestre de 2010. Os locais visitados variam enormemente, do luxo total ao mais simples. Foram eles: *Aldeia de Emaús, Belatrix, Lar São Vicente de Paula, Mão Branca, Hiléa* (já fechado), *Ondina Lobo, Vila dos Idosos e Casa da Vó Neide*.

Visita à Instituição Mão Branca, realizada no dia 19 de março de 2010, por Sônia Fontes e outros integrantes do grupo IDEAC¹:

Situada na Av. Santo Amaro, zona sul de São Paulo, a Instituição Mão Branca, que abriga 150 idosos, surge rodeada por muros e grades de ferro, numa suntuosa construção centenária. Assemelha-se a uma antiga estação de trem, a conhecida Instituição de Tatuí. A cor amarelada e os arcos que a compõem, tipo construção colonial, sem dúvida, remetem-nos a um outro tempo.

Ao chegarmos, eu e Luciana, um pouco atrasadas, logo na entrada já simpatizamos com o lugar. O porteiro foi tão gentil e brincalhão que parecia nos conhecer e logo nos disse: “Olhem, virem assim..., vão lá ao encontro do grupo, eles já estavam esperando!”. Fez-nos sentir acolhidas com apenas algumas palavras.

Adentrando na Instituição, começamos a vislumbrar a grande imponência do prédio. Muitos dormitórios e, os que estavam abertos, não escondiam grande semelhança com um hospital de interior. Quartos amplos, arejados, bem limpos, com duas ou três camas hospitalares, com grades de ferro brancas, cobertas por lençóis também brancos. Também pelos amplos corredores podíamos ver que ali habitava um artista, devido às pinturas nas paredes dos corredores, nos refeitórios e nas mini-pracinhas.

Dona Elisabeth, a senhora que nos atendeu, ex-aluna da Maria Célia de Abreu, psicóloga e professora do IDEAC, além de ser uma pessoa muito delicada, simpática e calma, mostrou-se altamente comprometida com o bom andamento da Instituição. Deixou claro ter um compromisso que vai além do

¹ IDEAC = Instituto para o desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico.

funcional e do cuidado com a estrutura física. Conta ela que, em sua jornada na Instituição, há mais de 30 anos, iniciou seu trabalho como voluntária, e foi se entusiasmando, observando as coisas como eram feitas. Aos poucos, começou a modificar algumas dinâmicas da Instituição. Na época que entrou, disse, havia uma separação por sexo: ala feminina e ala masculina, assim como uma rigidez nas regras e nas atividades, o que hoje foi superado.

Coincidentemente com sua passagem de vida pessoal, experienciando o “ninho vazio” - a saída dos filhos e a respectiva independência -, Elisabeth decidiu apostar em seu investimento pessoal e voltou a estudar. Dessa forma, abriu novas possibilidades de atuar na Instituição, lutando por mudanças concretas no Mão Branca.

Elisabeth aparenta 70 anos e tem uma lucidez incrível. Deve ser uma excelente administradora (resquícios de vida administrativa passada em empregos antigos), controla muitíssimo bem a balança financeira da Instituição. Sabe tudo o que entra e sai, e sabe o quanto é necessário para que cada idoso pague para se manter e manter o saldo em equilíbrio. No momento 1/3 é de não pagantes, enquanto 2/3 pagam sua permanência ali, por volta de R\$ 2.000 reais por pessoa de gasto ao mês.

Elisabeth conta também que existem critérios de entrada: o idoso não pode apresentar doença contagiosa e também não pode estar em fase terminal de doença. O geriatra Dr.Jader, que nos acompanha na visita, pergunta o que fazem quando o idoso chega nesta fase terminal. “É encaminhado para o hospital”, foi sua resposta.

Para ser considerado não pagante, o idoso não pode ter imóvel em seu nome e nem ganhar mais que R\$ 1.200,00 de aposentadoria. No momento há fila de espera, mesmo para os pagantes. Para os não pagantes, a fila chega a 40 pessoas atualmente.

A casa conta com uma equipe quase multidisciplinar: enfermeiros, fisioterapeutas, cuidadores de idosos. Faltam psicólogos e parece que também fonoaudiólogos. Conta com médico de plantão 24 horas e atividades com terapeutas ocupacionais diariamente. Presenciamos uma atividade de adivinhação com TO no refeitório, a turma parecia bem animada e envolvida com a atividade.

A casa, em si, ora lembra um colégio interno, ora um hospital. Mas também lembra uma estância de férias. Há recantos externos com bancos de praça, abençoados por plantas e pinturas de flores nas paredes, e tão delicados e aconchegantes que até dá vontade de sentar e descansar.

Um projeto de sucesso idealizado por Elisabeth também é a cozinha funcional, que visa a cobrir a necessidade que algumas idosas sentem em cozinhar para si, ou para parentes e amigos. É um momento de descontração e alegria para muitas, principalmente para dona Isabel, a grande fazedora de cocadas do pedaço. Isabel, ex-jornalista, alegre e cheia de energia, se diverte cozinhando para dona Elisabeth e para outras colegas da Instituição. Fiquei com água na boca pela cocada, assim, eu e

Luciana, nos candidatamos para levar material para dona Isabel fazer cocada para nós. Ela está esperando. Mas já providenciamos o material. Outro canto bacana é a sala de cinema, arejada, ampla, com TV enorme e espaço adequado para cadeirantes. Com o auxílio de uma TO, eles discutem e escolhem qual filme vão alugar na Blockbuster mais próxima. Existem também diversas atividades recreativas programadas, tipo caminhada e passeios.

Um dado interessante relatado por dona Elisabeth é que a presença de familiares na Instituição é bastante grande. Existe um contingente de 7% de visitas diárias para alguns idosos, e ausência de outros 7%, que nunca aparecem. Mas de modo geral os familiares se preocupam com os idosos, expressando isto de formas variadas, ora escolhendo seu parceiro de quarto, ora dando palpites nas atividades desenvolvidas. De modo geral, existem quartos individuais, duplos e triplos.

A sala de TO e a biblioteca são bem servidas. Pude observar que existe uma grande variedade de trabalhos manuais em andamento; palhaços de sucata, galinhas e perus de pinha, e abóboras de papel machê. Todos os trabalhos são bem feitos e bastante coloridos. Fui brindada com dois palhaços coloridos feitos por um idoso. A biblioteca tem uma certa organização: há catálogo de livros e ficha de entrada e saída dos mesmos. Senti muito não ter podido ficar com o grupo por mais tempo, compromissos me aguardavam. Mas deu para sair com uma ótima impressão da Instituição Mão Branca.

Visita ao Centro de Convivência e hospedagem “Aldeia de Emaús” – Sorocaba (SP) 17/10/09, por Sônia Fuentes

O dia amanheceu estranho, nublado, garoando, cinzento. Por ora pensei que aquela serração fosse prenúncio de um possível dia de sol. Engano meu.

Após um delicioso café da manhã na casa da Maria Célia, pegamos o rumo de Sorocaba; eu, Maria Célia, Jader, Lurdes, Lucy e Waldir, conduzidos pelo Sr. Reynaldo. Nossas conversas e animação em torno da nossa apresentação no Congresso e apreciação do material sugerido e construído por Maria Célia, fizeram com que o tempo da viagem encurtasse.

A primeira impressão ao chegar na Aldeia de Emaús me remeteu à chegada numa chácara, ou casa de campo de um amigo, ou familiar. Tudo parecia bastante aconchegante, e nada me lembrou uma casa de repouso. Fomos recebidos pela simpática esposa do professor doutor Paulo Canineu, Maria, e por sua filha Amanda. Ambas estavam nos aguardando com um delicioso café, suco de maracujá, bolachas e biscoitos deliciosos da região. Sentamos ali fora, na varanda coberta e, por um tempo, as

duas contaram a trajetória, as histórias e as dificuldades pelas quais passa e passou a Aldeia de Emaús, respondendo a nossas perguntas.

Ficou bastante evidente o enorme trabalho que as rodeia naquele cenário, onde mais de 40 idosos com graus variáveis de dependência, demência, doenças crônicas e Doença de Alzheimer aguardam e recebem muita atenção e cuidados. Fiquei imaginando a rotina daqueles funcionários e profissionais que ali trabalham, residem, se revezam e se envolvem. Na verdade, são em número quase igual ao número de internos: mais de 40 funcionários.

É preciso mais que uma vocação para oferecer tamanha dedicação e trabalho; é preciso amor incondicional pela vida e pelo ser humano.

E assim descobri a Aldeia de Emaús. De uma casa de uma família grande, impregnada de vontade de aprender sobre e com o envelhecimento, Dr. Canineu, com sua experiência e carinho pelo envelhescente, serviu de modelo, e transformou o rumo de grande parte dos integrantes dessa família.

Os álbuns de fotos da Aldeia representam não só a diversidade de serviços prestados ali, mas a criatividade, o cuidado e carinho para com os internos e participantes, e também traduzem o empenho de toda uma família envolvida com a Aldeia. Deu para notar que Maria cuida dos residentes com o mesmo carinho que cuida de um familiar, sempre disposta e atenta. Amanda mostrou-se bastante preocupada com as dificuldades financeiras que alguns familiares dos residentes passam e que podem vir a comprometer o atendimento destes para o futuro.

Amanda conta que a Aldeia tem mais de vinte anos de existência e desde então procura primar pelo atendimento humano e familiar aos internos e aos que passam o dia por ali. Maria disse que, no início, quando chega um idoso, as famílias se mostram preocupadas, angustiadas, e por um período passam para visitar a entidade várias vezes, como que para certificar-se de que tudo está bem. Mas, com o tempo, a confiança supera o medo e a expectativa, e o clima fica tranquilo e ameno. Elas fazem questão de permitir a visita de familiares a qualquer hora.

São autênticas e assumem que, vez ou outra, coisas erradas podem vir a acontecer, como com qualquer ser humano. Devido à alta demanda de pessoas dependentes, é natural estas pessoas perderem dentaduras, óculos e outros pertences pela casa. Acabamos rindo bastante com Maria e a filha, ao contarem as dificuldades com bastante senso de humor, como das vezes quando até dentaduras foram trocadas. A gente nem imagina o que pode acontecer por trás dos bastidores numa Instituição deste porte; as meias perdidas, as dificuldades de controlar roupas e acessórios, alimentação dada na boca daqueles mais dependentes, problemas de incontinência e insônia. São muitos detalhes e muito trabalho. Haja desprendimento, empenho e amor pelo próximo...

Fora todo este carinho e amor, a parte referente à estrutura e arquitetura do lugar não deixa nada a desejar. A imagem de fora é a de um sítio; casas de madeira escura, lembrando as da Serra Gaúcha de Gramado, parreira de uva no quintal, flores nos jardins, horta, cachorros, piscina, varandas, cheiro de erva doce no ar, árvores diversas e dois papagaios falantes e alegres na casa grande. Maria conta que, com o alargamento da via Castelo Branco, perderam parte da propriedade original e ficaram com meia casa, mas não perderam a energia, nem a intenção em ir aprimorando e arrumando o resto do espaço.

E, assim, continuam em reforma, a fim de cumprirem exigências da Secretaria da Higiene e Saúde, onde também estão transformando os quartos de madeira para alvenaria. Toda esta mudança acaba acontecendo em meio à demanda de cada um, quando, vez ou outra, eles não querem sair de seus quartos, nem para pintura. Tem alguns que não se adaptam com mudanças, e assim elas contornam a situação, tentando não mudar móveis em meio à reforma.

Dentro da casa, a limpeza chama a atenção. Banheiros impecáveis, quartos bem arrumados, pintados com cores delicadas, e colchas de cores combinando. Há também o respeito aos pertences dos residentes, pois há casos em que um ou outro levam móveis e fotos. Adorei a paisagem vista das janelas. A casa é arejada e confortável.

Ficou bastante claro, que o ambiente acolhedor, familiar e o carinho para com os residentes superam qualquer mínima falha humana que possa ocorrer. Por estas e por outras, Dr. Jader demonstrou a intenção de escolher a Aldeia como possível casa de repouso para acolher sua mãe.

Parabéns, família Canineu! Fazemos votos que vocês continuem com esta energia, dedicação, carinho e amor pelos que os cercam!

Visita ao Lar São Vicente de Paulo de Tatuí, em 17/10/2009, por Sônia Fuentes

Na busca ao lar São Vicente, entramos sem querer num rally pela cidade de Tatuí. Numa corrida desenfreada, seguimos o carro vermelho errado. Literalmente choramos de rir! Encontramos Maria Célia com sua amiga Célia em frente à Instituição, um prédio enorme, cor de rosa, bonito, imponente, parecia mais um colégio de padres antigo. Fomos carinhosamente recebidos pela madre, por uma voluntária farmacêutica e por um fisioterapeuta que trabalham na administração. Havia também um fotógrafo, que documentou a visita toda.

Similarmente à Aldeia de Emaús, a maioria dos residentes possui algum tipo de dependência: Alzheimer, demência ou outras doenças crônicas. A disparidade é referente ao número de residentes.

Enquanto na Aldeia existem menos de 50 residentes, no lar São Vicente há quase 100. O número de funcionários na Aldeia é quase de 1 para 1, onde 42 residentes contam com 42 funcionários. No lar São Vicente, há 42 funcionários para 100 residentes. Apesar destas diferenças, a limpeza do lar São Vicente também é primorosa.

Em ambos os espaços não se nota cheiro de urina e ou fezes. Os quartos do lar são bem mais simples, com móveis mais modestos e roupas de cama também, mas mesmo assim são limpinhos e arejados. O espaço é enorme. Há obras iniciando do lado de fora também. Até uma piscina térmica está sendo construída. O que mais me chamou a atenção foi o fato de dividirem os espaços em área masculina e área feminina. O número de mulheres é superior. Os espaços estavam bem ocupados por visitas, reflexo de um sábado. Achei os homens mais dispersos e menos felizes do que as mulheres.

Na área feminina, percebi um agrupamento e um distanciamento menor de uma com outra. São mais falantes também. Havia uma senhora, apelidada de “Fashion Week”, engraçadíssima; alegre e vivaz, como suas roupas. Seu hobby é confeccionar bonecas.

E até nos assustamos com a variedade e a diversidade das bonecas, coloridas como todas as roupas de seu guarda-roupa. Ficou evidente que esta senhora utiliza esta atividade para passar o tempo, se ocupar e se divertir. Acabou vendendo uma meia dúzia de bonecas para nós.

Visitamos também outras acomodações: a farmácia bem organizada, o consultório odontológico, a sala de arteterapia e uma moderna enfermaria bem mobiliada e impecável, destoando da simplicidade geral do lugar.

A cozinha é bem ampla e limpa. Naquele momento, uma panela monstruosa ocupava o fogão repleta de frango caipira, exalando um cheiro gostoso, para o almoço de domingo. Tudo recendia à limpeza, panelas bem areadas, e um chão impecável.

A maior surpresa foi a grande organização da dispensa. A mãe anota tudo o que entra e o que sai. A dispensa é enorme, parece um supermercado, bem organizado. Geladeiras imensas e doações demonstram que apesar das dificuldades eles ainda podem contar com uma ajuda constante da comunidade. E precisam para dar conta do básico: os residentes pagam o que podem, os que pagam.

Para o grand finale, um delicioso chá de ervas da horta (alecrim, erva doce, e cidreira) foi oferecido pela irmã, numa sala bem aconchegante, acompanhado de fatias de bolo. Fiquei encantada com o desprendimento e disponibilidade com que a mãe e os voluntários dedicam ao lar. Igualmente à Aldeia, acredito que é preciso ter o dom e, acima de tudo, um amor incondicional para o outro, para assumir estes idosos. Parabéns, mãe e companheiros de luta.

Desconfiamos que aquele chá era calmante por demais... Após o chá, o Sr. Reynaldo não teve com quem conversar na Van; todos dormiam como anjinhos no caminho de volta para São Paulo.

Visita à Casa de Repouso Viva Bem, em 18/09/2009, por Sônia Fuentes

Mesmo com o tempo nublado e chuvoso, mantivemos nosso compromisso de visitar a Casa de Repouso Viva Bem, na Zona Norte de São Paulo, mais precisamente na Rua Leão XIII, 521, Jd. São Bento, São Paulo (SP).

Maria Célia foi quem nos garantiu não só as portas abertas da Instituição, mas também uma amável acolhida pela proprietária e diretora Juliana Teixeira da Silva. Ela é administradora de profissão, e decidiu enveredar na jornada do idoso, o qual diz ser este um antigo sonho.

A casa é bem clara, bonita e muito bem cuidada. Eu já havia visto a foto da casa pela internet, mas, ao vivo, para minha surpresa, aparentou ser bem melhor. Mais bem cuidada e alvejada. Na verdade é um baita casarão, um sobradão, e toda a casa é rodeada por jardins e plantas bem arranjadas. Na parte de dentro, existe uma grande sala, onde estavam as três internas e cuidadoras, juntamente com a filha de uma moradora. Estavam assistindo à TV, e ficaram animadas com as visitas: eu (Sônia), Maria Célia, Waldir, Maricy, Irene e Lourdes Coutinho. Conversei um pouco com a senhora sentada de nome Anunciata, e ela se mostrou bastante lúcida e nada infeliz por estar ali residindo.

Passeamos por toda a casa e cada cômodo se mostrava mais limpo do que o outro. Vários quartos amplos, claros e bem ventilados, dispendo também de grandes armários. A decoração simples e delicada, móveis de cor marfim e cortinas e colchas verde-claro e brancas. O ar de super limpo talvez seja por conta de que a casa havia acabado de abrir, na ocasião, e contava somente 3 moradoras. A casa conta ainda com um elevador bem adequado para cadeirantes e corrimões nos banheiros e adjacências. O cheirinho de comida caseira saindo da cozinha e, invadindo os outros ambientes, me abriu o apetite, cheirava bem mesmo, quase me antecipei e pedi uma amostra. Até brinquei com a senhora sentada, dizendo que ia roubar um pouco daquela comida cheirosa, mas ela me alertou: “Ah! Eles fazem a quantidade certinha, mas a comida é boa mesmo”.

O ambiente que mais me agradou foi o quintal: grande e cercado de canteiros com pé de limão cravo, várias flores, temperos diversos e um esplendoroso pé de romã carregadinho. Além do quintal existem quartos que dão para o jardim nos fundos também, os quais me pareceram muito mais simpáticos do que os de dentro da casa. Quartos com uma cama, duas, três, para todos os gostos e bolsos. Isto porque, as mensalidades variam mesmo, dependendo do caso e do quarto. Liguei e confirmei os valores e Juliana prontamente explicou.

Disse que os preços variam de R\$ 2.000,00 a R\$ 5.000 por mês, e que neste valor está incluído serviço de enfermagem, avaliação médica, atividades semanais de fisioterapia em grupo e alimentação.

Por fora: medicamentos, serviço de fonoaudiologia, psicologia, materiais geriátricos, luvas, remédios e também outros serviços, como manicure, cabeleireiro, pedicure, fisioterapeuta, não estão incluídos. A modernidade da casa também se confirma com o serviço de BB (big brother) oferecido às famílias. O idoso está sendo observado o dia inteiro, para segurança e conforto da família. Será que os idosos sabem que estão sendo filmados? Esqueci de perguntar. Mas perguntei se nos quartos ao menos eles têm privacidade, e Juliana me garantiu que sim.

Conforme Maria Célia bem observou, o entusiasmo da jovem Juliana é contagiante. Ela acredita no que faz, faz bem feito e mostra empenho e prazer. Maravilhosa energia e força jovem. Boa sorte, Juliana!

Visita ao Hilea, Centro de Vivência e Desenvolvimento para Idosos, localizado na Rua Jandiatuba, 580 - Vila Andrade São Paulo – SP, por Maria Lígia Pagenotto e Sônia Fuentes

A casa funcionou de dezembro de 2007 a 2009, quando foi encampada pelo Estado e tornou-se o Instituto de Reabilitação Lucy Montoro, que integra uma rede de reabilitação que se expande para vários municípios de São Paulo. Seu foco hoje é atender pessoas com deficiência física ou doenças potencialmente incapacitantes.

O Hilea foi projetado para atender idosos da classe A, um empreendimento de alto luxo para este segmento etário. Um grupo de investidores esteve por trás do negócio, sob a administração de uma especialista no segmento hospitalar, cujo foco era proporcionar cuidados específicos à população assistida. Entre os serviços prestados, estavam a prevenção aos problemas de saúde e apoio para os diversos graus de dependência funcional.

A extensão do serviço era variável, conforme a contratação feita pela pessoa. Eles podiam tanto morar em um dos 119 apartamentos, que se assemelhavam a acomodações de alto padrão em hotéis de primeira linha (5 estrelas), como apenas fazer do centro um espaço para vivência diária, com muitas opções de lazer e reabilitação. Havia no Hilea uma área específica para tratar de questões relacionadas à memória e alguns consultórios geriátricos.

Além disso, oferecia sala de ginástica com equipamentos específicos, salão de eventos, piscina aquecida e sauna, salas de massagem, restaurante, transporte, salas de atividades e recreação, sala da família, cabeleireiro e barbeiro, solário e jardim, serviço de quarto.

Toda a arquitetura e a decoração foram idealizadas com base nas necessidades específicas do idoso. Outro diferencial que apresentava era um centro específico, dentro da instituição, para atender às necessidades de toda a equipe, com apoio psicológico.

Um projeto, sem dúvida, ambicioso, aparentemente muito bem planejado, mas de altíssimo custo. Ficamos sabendo que um residente, para ter direito a utilizar toda a infra-estrutura, não desembolsava menos do que 12 mil reais por mês. Não sabemos as causas que estão por trás do encerramento das atividades do Hilea, que se transformou no Instituto de Reabilitação Lucy Montoro.

Por ocasião de nossa visita, eu, Sônia Fuentes, mais Lucy e Luciana, membros do Ideac, fomos muito bem recebidas pelo Dr. Jader, então geriatra na instituição. Ele nos explicou o conceito da casa e nos mostrou todas as suas dependências. Acostumadas a visitar instituições muito carentes, nos surpreendemos com o luxo do local.

Ao mesmo tempo, também nos espantamos com o silêncio, o vazio, os enormes quartos desocupados e tantos equipamentos sem uso, ainda novos. Não havia quase pessoas por ali no dia em que estivemos no Hilea. Mesmo o número de funcionários, dado o pouco movimento, era pouco. Ou seja: deu para perceber que o local era muito pouco aproveitado. Seria o alto custo o obstáculo? Foi o que imaginamos.

Outro ponto da casa nos chamou especialmente a atenção: uma praça construída como se fosse um cenário, remetendo as pessoas para os anos 1940/50. Segundo o Dr. Jader, a proposta daquele espaço era fazer com que os idosos se sentissem familiarizados com algumas referências da época em que eram jovens.

Pessoalmente não gostei do que vi. Achei tudo muito artificial. Os poucos velhos que ali estavam não pareciam tampouco se entusiasmar diante daquilo. Vimos pessoas isoladas, sem interagir com os poucos presentes. O restaurante e bar, ambos de altíssimo luxo, também estavam vazios. As salas, idem e nos deparamos com uns poucos quartos ocupados.

Essencialmente, nos pareceu um ambiente frio, asséptico demais, sem calor humano. Mas, em termos de organização, higiene e atendimento, sem dúvida, a nota que daríamos seria 10. A questão que fica é: Por que será que um projeto como este, uma alternativa para idosos de alta renda morarem não vingou?

Visita à Vila dos Idosos, na Rua Carlos de Campos, 840, bairro do Pari – São Paulo (SP) – setembro 2009, por Maria Ligia Pagenotto

Estive na Vila dos Idosos por ocasião de uma visita guiada durante o Congresso de Psicogerontologia, realizado na PUC-SP no ano de 2009. Quem nos acompanhou nesta visita foi a assistente social Maria Alice Machado, acompanhada da chilena Olga Luísa Leõn Quiroga, ativa militante do Grupo de Articulação de Moradia do Idoso da Capital (GARMIC) e membro do Conselho Municipal de Idosos de São Paulo.

Uma mulher com um histórico de muitas lutas, Olga tocou a todos quando, na Vila dos Idosos, no Pari, discursou e cantou em prol de habitações dignas para seu grupo etário. A Vila foi construída depois de muitas batalhas travadas por Olga e seu grupo. Trata-se de um projeto habitacional desenvolvido pela Secretaria Municipal de Habitação através da Companhia Metropolitana de Habitação (Cohab), destinado exclusivamente a pessoas com mais de 65 anos e que possuem renda máxima de até três salários mínimos.

Muitos que lá residem não contam com o apoio da família. Para a maioria dos que ali residem, o lugar é perfeito. Além das acomodações, feitas de acordo com a faixa etária, a Vila constitui num condomínio que propicia lazer, entretenimento, convivência e segurança para os velhos que ali moram.

A Vila dos Idosos foi inaugurada em agosto de 2007, com mais de 8 mil m² de área construída, e possui 145 apartamentos e 192 moradores. Cada apartamento dispõe de um quarto, que pode ser transformado em dois, de acordo com o desejo de seu morador, uma sala, cozinha e banheiro. As acomodações são bem arejadas, claras, e foram construídas para que cadeiras de rodas circulem sem problemas.

Em comum o espaço da Vila comum conta com três salões de festas, três elevadores, biblioteca, horta comunitária, amplo espaço verde e um espelho d'água no centro do gramado.

O empreendimento no Pari conta ainda com parcerias nas áreas da assistência social, saúde e educação para o melhor atendimento de seus moradores, já que seu objetivo original é oferecer qualidade de vida aos idosos em busca de seu bem-estar e proporcionar uma melhor integração social. O projeto esbarra em algumas questões políticas e administrativas e, claro, também conta com alguns moradores que não colaboram para que todos convivam bem. Há muitas queixas de fofocas, disputas, como parece ocorrer em um condomínio qualquer. Todos os idosos, quando entram ali, devem dispor de autonomia. Quando adoecem, são encaminhados a instituições hospitalares ou, quando há possibilidade, para seus familiares.

Outros arranjos também podem ser criados, como contar com a presença de alguém da família, que não seja idoso, no apartamento de quem necessita de cuidados. São exceções, pois a maioria das pessoas vive sozinha, sem precisar de cuidados especiais.

O local me pareceu agradável, embora necessite de uma melhor manutenção. Também notei que é limpo, mas cada pessoa é responsável por organizar sua unidade. Assim, os cuidados variam de um apartamento para os outros. Segundo me disseram, há algumas atividades de lazer na Vila, como cursos e festas.

De modo geral, as pessoas que moram ali me pareceram satisfeitas com o empreendimento. Pessoalmente, achei que a Vila dos Idosos me possibilitou pensar num outro arranjo de moradia para os velhos – sejam eles carentes economicamente, sem família, ou não. Foi uma visita bem proveitosa.

Visita à Instituição Casa de Velhinhos de Ondina Lobo – Rua Regina Badra, 471, Alto da Boa Vista, São Paulo (SP) – maio 2009, por Maria Lígia Pagenotto

Este texto foi feito com base numa visita que os alunos do 3º ano E, turma 2009, do Colégio Santa Maria, localizado na zona sul de São Paulo (SP), fizeram à Casa dos Velhinhos de Ondina Lobo, como parte do projeto pedagógico da escola.

Acompanhei a visita, pois minha filha, Isadora, então com quase 8 anos de idade, fazia parte desta turma. A casa Ondina Lobo é uma instituição assistencial sem fins lucrativos, que começou a se formar em 1947, com a proposta de ser um refúgio para idosos sem recursos. Dona Ondina Lobo foi uma pessoa que sempre trabalhou em prol dos menos favorecidos. Ela faleceu em 1942. Ela costuma dizer “ao choro de uma criança, todos socorrem. Já o sorriso de um velho a todos afugenta”.

Para levar adiante seu projeto, ela contou com o auxílio de alguns empresários da época, entre eles, Carlos Caldeira Filho, Coraly Lobo Grubba, Eurico Branco Ribeiro, Ângelo Rinaldi e Haroldo Simas Magalhães. Em setembro de 1950, a casa finalmente foi fundada.

Atualmente, abriga e mantém em torno de 100 idosos, entre homens e mulheres. Segundo os diretores, se não fossem as restrições financeiras, a casa comportaria o dobro de idosos sem recursos. O espaço é grande, bem arborizado – trata-se de uma casa antiga, construída para estes fins, bem espaçosa.

Dividida em oito pavilhões, cada um com 18 leitos em média, a instituição ainda possui dois dormitórios, dois refeitórios, uma cozinha industrial, áreas de saúde com ambulatórios médico,

odontológico e para terapias complementares, áreas ocupacionais com oficinas para realização de trabalhos manuais e áreas de lazer e integração social com milhares de metros quadrados de área verde.

Os idosos que ali se encontram ou não têm família ou suas famílias não têm condições de abrigá-los, tamanha a carência material. Eles recebem aposentadorias, que são destinadas, em parte, para a o seu próprio sustento. A outra parte que sobra, eles podem gastar como desejarem. No Ondina Lobo, há uma ala para idosos demenciados, que fica separada dos que têm autonomia.

Há muitos funcionários, bem preparados, que lidam com os internos. A casa conta ainda com a presença de estagiários da Unifesp e USP das áreas de medicina, odontologia e fisioterapia, que utilizam o espaço para a prática de seus treinamentos, sob supervisão de profissionais já formados.

Portanto, embora sejam um número grande, os idosos são bem atendidos em suas necessidades. Outro ponto positivo: recebem muitas visitas de escolas da região. Os alunos vão a casa recitar poesias, cantar, jogar com os idosos ou simplesmente visitá-los. Levam, nessas ocasiões, muitas doações, pois a casa está sempre precisando de colaborações.

Nas duas ocasiões em que estive lá, achei o ambiente limpo e bem organizado, embora os idosos não disponham de muita privacidade, dado o número elevado de pessoas que a instituição atende. Na visita acompanhada, pude ver o entusiasmo da maioria em receber aquelas crianças, contar-lhes histórias, partilhar conhecimentos. As crianças igualmente se sentiram animadas, empenhadas em interagir com os velhos.

Muitos dos pequenos, no entanto, no início, estranham o lugar. Embora muito limpo, há um cheiro diferente no ar, nem sempre agradável. Também não são todos os idosos que são receptivos. Alguns agem com indiferença, distanciamento ou até mesmo mau-humor diante da abordagem das crianças.

A proposta do colégio é justamente abrir os olhos dos estudantes de classe média e média alta para aquela realidade que desconhecem. Querem ainda sensibilizá-los para a velhice e dar um sentido novo aquelas vidas, muitas delas, abandonadas ali por suas famílias.

Tudo o que é visto ou vivido ali pelas crianças é depois discutido em sala de aula. O projeto pedagógico da escola estimula ainda as crianças a olharem para os velhos de suas famílias, aprendendo a compreender suas necessidades, dificuldades e também valorizando-os em seus saberes e em suas histórias de vida.

Acho muito louvável esta iniciativa do Santa Maria e seria ótimo se outras escolas também trabalhassem o tema da velhice com os seus alunos.

Visita à Casa da Vó Neide – Bairro do Cipó, Embu-Guaçu (SP), setembro 2010, por Maria Lígia Pagenotto; Rita Amaral e Sônia Fuentes

Imagine um lugar longe do centro de São Paulo, da Avenida Paulista, dos metrô! Mais longe um pouquinho... e mais um pouquinho... com ruas muito movimentadas, cruzamentos difíceis, muito trânsito e várias ruazinhas.

Agora ande... mais um pouquinho... siga em frente, vire à direita, à esquerda, vá em frente, passe por Interlagos, aprecie a represa, mesmo coberta por uma densa névoa de poluição... Viaje, sinta-se um turista em sua própria cidade. Descubra este lado de São Paulo. Para quem não conhece, tem represa, mato, vaca, pasto, estrada de terra. Mais ao longe, morro acima, tem o autódromo de Interlagos. Poxa, como estamos longe do centro!

E a viagem continua, desce, sobe, Grajaú, Parelheiros, Jardim São Bernardo, Parelheiros, Cipozinho, Embu-Guaçu, já outro município do Estado. Pegamos o caminho certo? Só estávamos tranquilas porque o Kal (José Carlos, um dos onze filhos da Vó Neide), que saiu de casa às 5h30 da manhã para chegar a tempo no ponto de encontro que previamente combinamos, estava nos acompanhando desde a estação de trem Vila Olímpia, no Itaim, para garantir que não nos perdêssemos.

Mais mato, árvores, montanhas, sinais de apicultura à vista: frascos de mel fresco à venda pela estrada afora, juntamente com queijos e outras delícias dignas de interior, como jaca e frutas do pomar. Mas, até chegarmos em Embu-Guaçu, estávamos em São Paulo ainda.

E, assim, descobrimos pela Lígia que estávamos em uma das partes mais distantes do Centro de São Paulo, região sudeste da cidade.

Após quase 2 horas de passeio-viagem-aventura, e já numa estradinha de terra e pedras, chegamos. Ufa! Um muro bem alto recoberto de unha de gato anunciava a instituição “Vó Neide” escrito num portão de ferro colorido pintado com imagem de um casal idoso.

Lá dentro um belo casarão com tijolo aparente e muita vegetação à vista. Um lugar bastante agradável, digno de estância de férias. Mas essa foi a primeira e rápida impressão. Ao nos aproximarmos da casa, o movimento da lavanderia já anunciava que por lá havia muito trabalho a ser feito e pouca gente para dar conta.

Sentados em cadeiras, olhando o horizonte ou respirando o ar fresco e puro do mato, vimos os idosos no alpendre da casa. As outras pessoas, funcionários da instituição, estavam bastante ocupadas e empenhadas em dar conta daquela turma de 44 velhos, com idades que variavam entre 60 e 100 anos, com raras exceções de alguns adultos com problemas mentais leves, na faixa de 45 a 52 anos.

Pensamos que não gostaríamos de ser um deles: não pelo tratamento oferecido, mas talvez pela solidão que demonstravam. Vó Neide não dá conta de tanto trabalho e sobrevive da ajuda quase
Caderno Temático Kairós Gerontologia, 8. ISSN 2176-901X, São Paulo, novembro 2010: 125-155.

inexistente que vem de algumas almas boas, como de uma juíza e de outras pessoas de seu relacionamento.

Conta com poucos profissionais, nove ao todo, que se revezam pelo período diurno e noturno. Na hora em que chegamos, às 10 da manhã mais ou menos, os residentes estavam na varanda da casa tomando sol, aquecendo-se. Neste local vimos um auxiliar de enfermagem que preenchia um prontuário e duas cuidadoras. Na área da cozinha e lavanderia outros funcionários estavam ocupados com seus afazeres. Todos pareciam ter boa vontade.

Conversamos com alguns, outros continuavam incomunicáveis. Para alguns, receber um aperto de mão já lhes dava grande prazer e felicidade, modificando um pouco o aspecto daqueles rostos magros e tristes. Muitos sorriam para nós quando nos aproximávamos.

Um senhor chegou a apertar tanto a mão de uma de nós e ela nos disse que tinha ficado com ele por alguns minutos, permitindo que ele desfrutasse um pouco de calor e esquentasse suas mãos frias. Outra senhora perguntou para esta colega se ela iria se casar! Rimos desta suposição. Uma, bastante lúcida, nos revelou que não sabia quando entrou na casa da Vó Neide, mas nos contou com bastante tristeza que, desde que seus filhos a colocaram ali, nunca mais foram visitá-la.

Vó Neide nos mostrou uma senhora demenciada, onde ainda se nota sinais de beleza hoje descuidada, mas que outrora foi Miss Brasil. A ex miss nos pediu para ser fotografada individualmente. Quereria reviver por instantes a sensação de ser foco de uma lente de um fotógrafo?

Na casa, há muitos idosos com deformidades, com artrose, talvez. Há idosos em cadeira de rodas, com bolsas de coleta de urina aparentes, com membros amputados, paralisados em uma parte do corpo. Alguns mudos, muitos desdentados.

Há uma enorme carência na instituição Vó Neide – material e afetiva. A estrutura física da casa, que é alugada por R\$ 2.200,00 /mês, é espaçosa e arejada, apesar de ser fria por dentro. Ficamos imaginando como deve ser úmida no inverno.

Eles dispõem de bastante espaço físico, mas falta privacidade. Os quartos são coletivos, com várias camas, 5, 6, e até mais. O critério de acomodação dos idosos nos quartos é pelo uso ou não de fralda. Vó Neide nos conta que as noites são difíceis, pois muitos residentes levantam às 3h30 da madrugada e começam a andar pela casa.

A sala comporta bem uma mesa comprida, alguns sofás de segunda mão, poltronas velhas cobertas com lençóis e cadeiras velhas de madeira e ferro, algumas bem estragadas.

São móveis bem usados, em estado precário. As tevês são de segunda mão, mas não há cheiro de urina nem cheiro forte de sujeira. A casa estava em boas condições de higiene. A cozinha se apresentou

limpa e o cheiro gostoso do feijão anunciava que o mesmo estava sendo refogado com alho e outros temperos.

Sentimos falta de atividades ocupacionais para os idosos. Os dias devem ser muito longos... Falta ocupação, lazer. A sensação é que o lema ali é cada um por si. Para garantir um punhado de bolachas na hora do intervalo da manhã, os idosos torciam para que cada um recebesse uma quantidade grande, para saciar a fome e esperar até a hora do almoço.

Sáimos com uma sensação estranha, um misto de impotência e tristeza. Por mais que, hoje nós tivéssemos contribuído com nossa visita, levando nosso carinho, e alguns itens de cama, mesa, banho, cestas de mantimento e produtos de limpeza, ficou a sensação de que o que fizemos é quase nada diante a carência que o local e as pessoas apresentam.

Além da carência material, falta carinho, companhia familiar, contato, atenção, conversa, visita de um familiar, de um amigo próximo. Falta o olho no olho, a mão na mão.

Vimos corpos envelhecidos e dependentes, circulando no vazio de uma existência que já não é a mesma de outrora. É difícil olhar e conviver com esta realidade, mas ao mesmo tempo ela nos serve de alerta. Se este modelo de velhice nos parece tão fragilizado e desamparado, o que seria destes personagens se não tivessem a grata ajuda e amor da Vó Neide? Como seriam suas velhices?

Considerações finais

Visitar essas instituições foi uma experiência bastante interessante para nós que lidamos, em nossas pesquisas, com a questão do envelhecimento, da velhice, da moradia da pessoa idosa. Tivemos a oportunidade de refletir sobre modelos diversos de velhices. Verificamos, com base em nossas visitas, que faltam ainda alternativas de moradia para contemplar tanta diversidade, e também para atender à enorme demanda que é esperada nestes próximos anos.

O Brasil, atualmente, encontra-se em avançado estágio de transição demográfica. A população de idosos acima dos 65 anos de idade aumentará em velocidade acelerada (2% a 4% ao ano) e a população jovem diminuirá. Isso ocorre devido à crescente queda da fecundidade e ao aumento da expectativa de vida. (Veras, 1994). Por conta desses fatores, com o passar dos anos, o planeta será mais habitado por idosos do que por crianças, jovens e adultos.

Isto é preocupante de acordo com Ramos (1995), já que, segundo esta perspectiva, a sociedade está despreparada para lidar com a superpopulação idosa mundial. Vale lembrar que

esta mudança na distribuição etária da população brasileira traz oportunidades e desafios – como esta questão da moradia – que podem levar a sérios problemas sociais e econômicos se não forem equacionados adequadamente nas décadas vindouras. Desta forma, acreditamos que é urgente abrir este tema para um debate mais amplo. As alternativas de moradia para idosos não devem só contemplar os modelos tradicionais, como casa de repouso, ILPIs, moradias institucionais, centros de idosos. Percebe-se que o perfil do velho deste novo século está se modificando.

Os arranjos de moradia, por sua vez, também devem se alterar no mesmo compasso. Exemplo disto: nossa mestre e Coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP, a Prof.^a Dr.^a Suzana da A.Rocha Medeiros, relata-nos uma experiência que viveu nos anos 1960, em que nos mostra novas possibilidades de arranjos de moradia nascendo. Diz ela que lá pelos anos 1960, ela e um grupo de amigos, ativistas políticos, após uma reunião, sentados num café próximo ao Largo São Francisco, no centro de São Paulo, discutiam a questão da moradia do futuro deles mesmos.

Assim, conversa vai, conversa vem, aventaram a ideia de comprar um terreno conjuntamente e idealizaram um condomínio para morarem. E assim o sonho começou a se realizar. Adquiriram um grande terreno em Cotia. Construíram suas casas, cada qual, em terrenos grandes, alguns com mais de 4.000 metros. Até que o imponderável aconteceu. O tempo foi passando, as pessoas foram morrendo.

Hoje, diz a professora Suzana, só sobraram, do grupo inicial, ela e mais um amigo. Mas este seria um arranjo alternativo diferenciado? Com certeza, e repleto de possibilidades de dar certo. Mas a impermanência da vida a remete ao imponderável, ao não controlável, ao inesperado. De tudo fica a certeza de que novos arranjos são bem-vindos e necessários.

Repúblicas, condomínios, vilas alternativas e outros lugares, em que políticas governamentais com parcerias privadas vêm sendo propostas. Ou mesmo pequenos arranjos informais entre amigos, como comprar um terreno em conjunto para viabilizar a construção de um condomínio personalizado, que ofereça segurança ao grupo. Ou quem sabe um conjunto de prédios verticais, que possa atender às necessidades de um grupo em especial.

Uma moradia tem estrutura física, mas ela também tem uma alma; a começar pela nossa primeira morada - o útero de nossa mãe, o éden desejado inconscientemente por todo o ser

humano. Afinal, continua a questão que nos vem movendo em nossas pesquisas: onde vamos morar em 2030?, considerando, porém, o que pudemos recuperar como um achado de nossa investigação: uma morada é necessária, mas em condições particulares a cada um de nós.

Desdobramentos

Achamos muito pertinente levar este artigo para além de troca e de expansão de conhecimentos, mas também para uma reflexão importante: O que fazer com toda esta experiência depois destas visitas e destes depoimentos escritos?

Juntamente com esta nossa experiência, e também pela nossa formação em Gerontologia, podemos sugerir, incentivar e ampliar possibilidades de atuação dentro desses Centros, Asilos e Casas alternativas. Verificar o que chama mais a atenção nestes lugares, o que falta, o que sobra, o que carece, o que procede, o que não tem, para que possamos vislumbrar uma possibilidade de melhora e sugerir opções possíveis e viáveis para dar a estes lugares um ar mais caloroso e familiar.

Após nossa imersão ao universo da moradia do idoso, pudemos observar alguns fatos que nos chamam a atenção e se repetem em quase todas as instituições, fatos a serem levados a uma profunda reflexão.

A feminilização da população idosa institucionalizada é frequente em todas as instituições visitadas. Segundo pesquisas do IBGE, a feminilização da velhice é uma constatação mundial. De acordo com uma análise feita com base nos dados do Censo Demográfico de 2000, no Brasil a diferença na distribuição das pessoas idosas por sexo cresce significativamente à medida que aumenta a faixa etária. Há uma predominância feminina de 6,4% na faixa etária dos 60-64 anos, crescendo sempre até atingir a diferença de 31,6% na faixa de 95-99 anos. Várias são as hipóteses sobre a longevidade da mulher, entre elas: o acompanhamento médico-obstétrico mais efetivo, maior preocupação e mais cuidados em relação às doenças e à prevenção da saúde, padrões de comportamento e estilo de vida mais saudáveis, o que atenua os fatores de risco, menor exposição a riscos relativos a acidentes de trabalho e de trânsito, menos homicídios e suicídios. (Merlotti Herédia; Bonho Casara & Cortelletti, 2004).

Outros fatores que contribuem para o aumento do número de mulheres nos asilos, são os biológicos, também são ressaltados por outros profissionais: segundo Papaléo Netto (2000), há sempre uma superioridade feminina quanto ao número de anos por viver, em todos os grupos etários e em todas as épocas consideradas. No Brasil, as mulheres vivem, em média, cinco anos mais que os homens.

De acordo com Veras (1987), além das diferenças biológicas, como, por exemplo, o fator de proteção conferido pelo hormônio feminino em relação a eventos circulatórios, notadamente isquemia do miocárdio, há outras possíveis explicações.

Primeiro, há diferenças na exposição a fatores de risco (acidentes de trabalho e de trânsito, homicídios e suicídios, dentre outros), devido à inserção no mercado de trabalho do contingente atual de idosos, com as mulheres permanecendo no ambiente doméstico, aparentemente mais protegido.

Há também as diferenças no consumo de álcool e fumo, pois os atuais homens idosos consumiram e consomem essas drogas muito mais do que as mulheres idosas; fumo e álcool estão associados a inúmeras doenças, que aumentam as taxas de mortalidade.

Outra explicação para um número significativo de mulheres viver mais tempo do que o de homens se dá pela diferença na atitude em relação a doenças, pois as mulheres buscam fazer uso frequente dos serviços de saúde e sempre procuraram ajuda.

Acreditamos que enquanto profissionais da área de Gerontologia, e observando que a feminilização da população idosa está crescendo, podemos pensar em duas hipóteses de trabalho:

1 Focar a atenção a atividades que agradem e contemplem o gênero feminino. Isto é, fazer um levantamento para saber o que estas idosas gostariam de fazer como atividades, entretenimento e outros gostos.

2 Pensar e discutir o por quê de os homens morrerem mais cedo.

O segundo ponto importante que observamos durante nossa pesquisa e visitas é a pouca frequência de visitas dos familiares aos idosos institucionalizados. A falta de visitas familiares ocorre mais em instituições públicas e ou assistenciais. Mas também se observa em instituições privadas. Podemos intuir que isto ocorra devido à formação de uma nova estrutura familiar, uma

família ocupada e sem tempo para os idosos, uma configuração familiar urbana e típica deste novo milênio.

Foi-se o tempo em que, como um culto aos antigos, num ritual de respeito à sabedoria de antepassados, as famílias tradicionalmente honravam cuidar de seus idosos. Hoje em dia prevalece o modelo social da família nuclear, em que convivem num mesmo lar apenas pais e filhos. Este fenômeno nos leva a um grande aumento do número de idosos em instituições asilares. O afastamento de idosos dos seus filhos e netos, entre outros, assim, tornou-se comum e, às vezes, há perda total de contato entre os idosos e a sua família. Este dado importante é também citado na pesquisa de Fuentes (2010), sobre como a nova família se projeta num momento de transição neste século:

Pensando no movimento constante da vida, e também na evolução e desenvolvimento tecnológico, e na saída da mulher para o mercado de trabalho, tem-se como consequência a mulher no mundo público. Há a emergência de uma nova família: menor, composta de marido mulher e filhos, em que a figura do idoso não é mais tão comum. Em outros termos, o envelhecer na atualidade marca um novo arranjo familiar em que a prole é a grande prioridade do núcleo familiar adulto que é responsável pelos cuidados relativos à educação, alimentação, e o idoso fica em segundo plano neste mesmo núcleo. As famílias são outras, a maioria das mulheres não são somente empreendedoras do lar, são empreendedoras também do mundo público, pelo fato de estarem participando cada vez mais do mercado de trabalho. Já quase inexistente a família que acolhe o idoso e o inclui na mesma rotina em que estão incluídos seus filhos e netos na mesma casa.

Esta família composta de marido, mulher, filhos, netos, avós, idealizada para alguns, cedeu lugar a modernos e inovadores espaços. Exemplos destes espaços são: Centros de Convivência, Repúblicas, ILPIS, Centros de Referência de Idosos e seus arranjos diferenciados. Uma parcela significativa de adultos hoje se projeta no futuro como um velho dinâmico, produtivo, empreendedor, e até estudando, se experimentando em novas profissões e ou esportes como idoso ativo. Os espaços são outros, assim como os arranjos, e as várias possibilidades de envelhecer em atividade e produzindo.

As possibilidades são muitas e tão diversas quanto as diversas velhices existentes.

Apesar de que não se poder generalizar a velhice, e os modos de vida da velhice, percebe-se que o momento atual é de transição, quando se nota também que a autonomia do idoso será

cada vez mais presente e necessária. (Fuentes, 2010). Outras observações que consideramos de grande importância também são as seguintes:

O semblante triste dos idosos chama-nos a atenção. Podemos intuir que sentem falta dos parentes e amigos, mas também, estando num asilo, muitas vezes esquecidos pela família e amigos, estão em ambiente estranho, convivendo com outros velhos, possivelmente com pessoas doentes, muitas vezes cadeirantes e incapacitados, e assim eles se sentem também à margem. E esta margem passa a ser compreendida como a margem que nos aproxima da morte, da nossa finitude. Lembra muito bem Ligia PY, neste relato:

Ainda vale lembrar que a finitude humana não se refere apenas à morte, ao fim do corpo biológico, à etapa derradeira da vida. A finitude expressa a perda de tudo o que passa por nós na vida, tudo o que um dia, ganhamos e, então, um dia, não temos mais. E só porque sabemos disto, nada sabendo do mistério da morte, é que sentimos a finitude como um sofrimento. (Py, 2004)

A solidão e a falta de criatividade nas atividades realizadas para os idosos são vistas nas instituições visitadas. É difícil encontrar um asilo ou ILPI que contenha atividades recreativas e terapêuticas adequadas à singularidade de cada um. Nestas nossas incursões, observamos arranjos diversos quanto à questão de terapias ocupacionais e entretenimentos. A TV funciona como um amuleto e também como uma dama de companhia sempre. Quase impossível entrar num destes locais e não encontrar uma TV ligada, a hora que for. O bingo é bem aceito em todos os níveis; desde a instituição mais pobre à mais luxuosa.

Uma atividade interessante encontrada numa instituição e que parece ser bem aceita é a aula de culinária. Ou somente o uso de uma cozinha especial por um interno que tenha o interesse em usar o espaço para fazer um prato diferente, e repartir com os amigos. Trabalhos realizados com sucatas foi outra atividade que encontramos. Salas de cinema e de leitura são bastante frequentes. Possibilidade de mexer no jardim e na terra também parece agradar alguns idosos. Idas a cinema e teatro fora da instituição é outra forma de entretenimento aceita e compartilhada por alguns.

Atividades físicas foram verificadas em algumas instituições, mas não com a frequência aconselhável. Hidroginástica seria mais de acordo para os idosos, e mais acolhedora. A água morna acolhe os corpos flácidos e frios devido à má circulação de alguns.

Finalizando, visualizamos, novamente neste sentido, a necessidade de realizar uma pesquisa mais extensiva para o levantamento de quais seriam as atividades que contribuem para uma melhor satisfação do idoso institucionalizado. Como sabemos que uma grande porcentagem de idosos faz uso de medicação para controle de doenças crônicas, esse tema de atividades verdadeiramente criativas aos idosos deverá requerer um investimento progressivo muito valioso por parte do corpo de pesquisadores de uma instituição voltada a essa população cada vez mais crescente.

Referências

- Fuentes, S.A.M.P.S. (2010). *As Várias Faces do Cuidar de Si*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia/PUC-SP.
- Lima, M.A.X.C. O termo “institucionalização”. *In: Portal do Envelhecimento* (<http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/relato/o-termo-institucionalizacao.html>), 1/9/2010. Acesso em 12 de abril de 2011.
- Lopes, R.G.C. Diversidades na velhice: reflexões. *In: Velhices: reflexões contemporâneas*. PUC-SP/SESCSP, São Paulo, 2006.
- Merlotti Herédia, V.B.; Bonho Casara, M.A. & Cortelletti, I. (2004). A Realidade do Idoso Institucionalizado. *Textos Envelhecimento*, 7(2).
- Mercadante, E.F. (2001). O envelhecer na comunidade. *Revista Kairós Gerontologia*, 4(1). São Paulo.
- Moreira, C.R.S; Torres, M.S.R. & Barros, I.L. (2004). *Diagnóstico de saúde evidenciados na clientela asilar de uma instituição pública de Vassouras*. Universidade Severino Sombra: Curso de Enfermagem (TCC). Vassouras.
- Papaléo Netto, M. (2000). *Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu.
- Py, L. (2006, fev.). De estrelas e brilhos infinitos. *Revista A Terceira Idade*, 17(35). SESC-SP.
- Ramos, L.R.; Veras, R.P. & Kalache, A. (1987, jun.). Envelhecimento populacional: uma realidade brasileira. *Rev. Saúde Pública*, 21(3): 211-24.
- Ramos, L.R.(1995). O país não pensa no futuro. *Gerontologia*, 3(1): 52-4.

Veras, R.P. (1994). *País Jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/UERJ.

Recebido em 10/10/2010

Aceito em 22/11/2010

Sonia A.M.P.S.Fuentes – Psicóloga, Mestra em Gerontologia (2010), pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP. Participante do Grupo de Pesquisa CNPq/PUC-SP, NEPE-Núcleo de Ensino e Pesquisa do Envelhecimento/PUC-SP, onde juntamente com Prof.^{as} Dr.^{as} Suzana da A.Rocha Medeiros e Flaminia Manzano Moreira Lodovici, fazem desenvolver a pesquisa interdisciplinar “Onde vamos morar em 2030?”. Membro-participante do Portal do Envelhecimento e do OLHE-Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento.

Maria Ligia Pagenotto – Jornalista, Mestra em Gerontologia, pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP. Participante do Grupo de Pesquisa CNPq/PUC-SP, NEPE-Núcleo de Ensino e Pesquisa do Envelhecimento/PUC-SP, onde juntamente com Prof.^{as} Dr.^{as} Suzana da A.Rocha Medeiros e Flaminia Manzano Moreira Lodovici, fazem desenvolver a pesquisa interdisciplinar “Onde vamos morar em 2030?”. Membro-participante do Portal do Envelhecimento e do OLHE-Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento.

Flaminia Manzano Moreira Lodovici – Mestra em Linguística (LAEL/PUC-SP), Doutora em Linguística (IEL/Unicamp). Filiada ao Departamento de Linguística/FAFICLA/PUCP, onde atua como pesquisadora, orientadora de IC e TCC, e docente em disciplinas da área da Linguagem em cursos da Graduação (Relações Internacionais, Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Letras), Pesquisadora de vários Grupos de Pesquisa CNPq, dentre eles o NEPE-Núcleo de Ensino e Pesquisa do Envelhecimento/PUC-SP, onde coordena, juntamente com Prof.^a Dr.^a Suzana da A.Rocha Medeiros, a pesquisa interdisciplinar “Onde vamos morar em 2030?”. Atualmente é professora assistente e colaboradora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP, atuando em projetos interdisciplinares e interinstitucionais do Programa com UFB e USP-SP, na área do envelhecimento. Editora Científica da *Revista Kairós Gerontologia*, da FLACHS-Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde/PUC-SP. Membro-participante do Portal do Envelhecimento e do OLHE-Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento.

Caderno Temático Kairós Gerontologia, 8. ISSN 2176-901X, São Paulo, novembro 2010: 125-155.

Suzana da A.Rocha Medeiros – Doutora Assistente-Social, tendo sido laureada Professora Emérita, Decana da PUC-SP. Pesquisadora, Orientadora e Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia/PUC-SP, Fundadora e coordenadora do NEPE-Núcleo de Ensino e Pesquisa do Envelhecimento/PUC-SP, onde coordena, juntamente com Flaminia Manzano Moreira Lodovici, a pesquisa interdisciplinar “Onde vamos morar em 2030?”, tendo como integrantes, mestres, alunos-mestrandos e graduandos. Membro-participante do Portal do Envelhecimento e do OLHE-Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento.